

JEAN-JACQUES ROUSSEAU E O AMOR-DE-SI, OU DE UMA PEDAGOGIA DO AUTOCONHECIMENTO

Jilvania Lima dos Santos*
(UFBA / UCSAL / FJA)

❖ PREÂMBULO, OU PARA ENTENDER AS ESTAÇÕES DO AMOR-DE-SI

No século do racionalismo iluminista, quando os filósofos buscavam demonstrar como, pela razão, os homens deviam corrigir seus desvios da ordem natural a fim de seguramente alcançarem a felicidade, Rousseau faz da consciência de si um guia mais seguro do que a razão e da moral a verdadeira ordem natural.

Oh! Virtude, ciência sublime das almas simples, serão necessários, então, tanta pena e tanto aparato para conhecerte? Teus princípios não estão gravados em todos os corações? **E não bastará, para aprender tuas leis, voltar-se sobre si mesmo e ouvir a voz da consciência no silêncio das paixões?** (ROUSSEAU, 1973b, 360 – grifo meu)

Certo que os seres humanos podem se conhecer pela escuta consciente, Jean-Jacques Rousseau afirma que a verdadeira filosofia consiste nesse debruçar-se sobre si. Para ele, é preciso saber contentar-se com ela e, sem invejar a glória dos homens célebres que se imortalizaram, esforçar-se para estabelecer, entre eles e nós, a distinção entre um *dizer bem* e um *obrar bem*.

Na tentativa de ouvir a minha consciência e acreditando que toda leitura implica num ato de liberdade, aspiração maior de Rousseau, saliento que a perspectiva deste trabalho inspira-se no próprio convite do filósofo genebrino ao exercício livre, criador e autônomo. Portanto, meu encontro com este pensador pressupõe uma atividade intelectual sem mediadores, no intuito de refletir algumas questões relativas à educação e contribuir com o debate acerca da formação humana.

Segundo Dent (1996), a vida de Rousseau pode ser dividida em três fases. A primeira, de 1712 a 1749, se caracteriza pelos *anos de aprendizado*; a segunda compreendida como os *anos de maturidade*, de 1750 a 1764, e a última fase, conforme este especialista, se refere aos *anos de declínio*, de 1764 a 1778, ano de sua morte. Nos *anos de aprendizado*, Dent (1996) ressalta que a maioria das obras de Rousseau é sobre música e que termina com a iluminação a caminho de Vincennes. No segundo momento, *anos de maturidade*, suas maiores obras datam desse período: *Discurso sobre as*

* Doutoranda e Mestre do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), sob a orientação da Profa. Dra. Mary de Andrade Arapiraca. Técnica da Superintendência de Graduação da Universidade Católica do Salvador; Professora do Curso de Letras, das Faculdades Jorge Amado. jilvanials@ucsal.br / jilvanials@fja.pro.br

ciências e as artes (1750), *O adivinho da Aldeia* (1752); *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens* (1754), *Júlia, ou a nova Heloísa* (1761); *Emílio, ou da Educação* (1762); *Do contrato social* (1762). Finalmente, na perspectiva desse pesquisador, os *anos de declínio* são marcados pela crescente perturbação mental e grande absorção em si mesmo.

Embora destaque que uma das obras primas de Rousseau advém do período – *As Confissões* (1764-76), o especialista acredita que muitas de suas produções, nesta fase, são prolixas e desiguais. Penso, entretanto, que os escritos de Jean-Jacques Rousseau, de 1764 a 1778, potencializam o seu projeto educacional, que visa a educar o indivíduo para que ele descubra a importância de ser livre e, ao descobri-la e aprender a valorizá-la, elimine ou restrinja o desejo contrário à liberdade – desejo de manipular os outros, de oprimir e controlar a vida alheia – em função de um ideal de autonomia, de justiça e de igualdade.

Se fosse possível dividir a vida de Rousseau, apresentaria como plano inicial o do instinto de sobrevivência, resultando daí suas primeiras obras. Concordando com Dent (1996), apenas no novo marco de sua vida: aquele dia de verão de 1749 no qual Rousseau saiu de Paris para visitar seu amigo Diderot que, em virtude de uma arbitrária *ordem de prisão*, tinha sido encarcerado na torre de Vincennes, suponho que Rousseau passaria a viver em plena atividade intuitiva.

Segundo Rousseau (1999), o homem inteligente raciocina e a suprema inteligência não precisa raciocinar, não usa de premissas nem de conseqüências e nem mesmo de proposições, para ele, a inteligência divina é puramente intuição. Considero que, sendo a intuição puramente divina, o ser humano precisa desenvolver-se por este exercício intuitivo no intuito de aproximar-se da fonte de sua criação...

Ao entender que o mais digno uso da razão humana é anular-se diante da essência infinita, Rousseau aponta uma das possibilidades do desenvolvimento humano através desse caminhar intuitivo – do deixar-ser, deixar-florescer, do tudo fazer sem nada fazer, o que possibilitaria um estado de serenidade e amor diante da vida.

Do meu primeiro retorno a mim nasce em meu coração um sentimento de reconhecimento e de bênção ao autor de minha espécie, e desse sentimento a minha primeira homenagem à divindade beneficente. Adoro a potência suprema e enterneco-me com seus favores. Não preciso que me ensinem esse culto, ele me é ditado pela própria natureza. Honrar o que nos protege e amar o que nos quer bem não é uma conseqüência natural do amor de si? (ROUSSEAU, 1999, p. 374)

Creio que, ao exercitar a intuição, Rousseau experimentou aproximar-se de Deus e, portanto, favoreceu o encontro consigo mesmo. Desse movimento de aproximação e de exercício intuitivo, resultaria as suas produções filosóficas voltadas para a política e a educação, tendo como revelação a necessidade dos seres humanos se autoconhecerem, isto é, terem consciência de si

mesmos. A partir daí, Rousseau se dispõe a produzir suas obras autobiográficas.

Para se autoconhecer, é preciso olhar para dentro e refletir sobre si intimamente relacionado com o mundo. Desse modo, percebo que as *Confissões* (1764-76); *Cartas da montanha* (1764); *Rousseau juiz de Jean-Jacques: Diálogos* (1772-76); e *Devaneios de um caminhante solitário* (1776-8) constituem a síntese do processo que Rousseau tão brilhantemente inaugurou, um modo de pensar o homem tomando-se como referência, se colocando como objeto de investigação e tentando enxergar a humanidade para compreender a própria *condição ontológica* dos humanos.

Creio que aí está uma das possibilidades de realização da proposta educacional apresentada por Rousseau (1999): o caminho do autoconhecimento como contribuição para se pensar a formação do indivíduo senhor de si, que se percebe um ser livre e, internamente, compreende a dimensão individual da humanidade livremente condicionada à conservação do estado de natureza e em busca de alternativas para a sua preservação.

Sem dúvida um dos maiores pensadores do século XVIII, que inspirou reformas políticas e educacionais, um pensamento fértil que, ainda hoje, provoca reflexões em torno da formação dos seres humanos.

Para contribuir com a continuidade do debate, a seguir, trago à cena alguns conceitos-chave do plano político rousseauiano, com a intencionalidade de promover um diálogo em torno da proposta educacional aqui delineada. Inclusive, movida pela provocação do próprio Rousseau quando afirma que é preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade. Segundo ele,

quem quiser tratar separadamente a política e a moral nada entenderá de nenhuma das duas. Abordando primeiramente as relações primitivas, vemos como os homens devem ser afetados por elas e que paixões devem nascer delas; vemos que é em reciprocidade ao progresso das paixões que essas relações se multiplicam e se estreitam. É menos a força dos braços do que a moderação dos corações que torna os homens independentes e livres. (ROUSSEAU, 1999, p. 309)

Pensando na dimensão política no conjunto da obra de Jean-Jacques, pensei acerca de um conceito utilizado por ele no *contrato social*, 'instituições políticas'. Sua pretensão era produzir um livro que tratasse exaustivamente do assunto. Infelizmente, não o fez. De qualquer modo, concebendo a escola como uma *instituição política*, podemos fazer uma reflexão significativa para possibilitar, ainda hoje, a construção de propostas educacionais que priorizem a liberdade, a autonomia e a criatividade.

Na obra eminentemente política de Rousseau (1973a), as figuras do *soberano* (*povo* e *Estado*), *legislador* e *governo* podem inspirar um diálogo efetivo para a construção de projetos pedagógicos diversos que tenham como

fiu condutor a liberdade e o ato de criação como necessidades vitais para a conservação do homem.

Isto posto, os conceitos: **soberano**, **governo** e **legislador** ajudam a pensar nas funções de cada um, no levantamento de ações e na distribuição de tarefas e atividades dentro do universo escolar. O legislador como aquele responsável por expressar o interesse comum dos soberanos e o governo como aquele que está a serviço da realização desse interesse comum. A **vontade geral** ajuda a pensar uma liberdade coligada. Tendo em vista que a diferença que constitui o ser humano, a criação somente será possível se capaz de agregá-la, certamente, por isso essa capacidade de criação, segundo Rousseau, é a que distingue o homem dos demais animais. **Estado civil** ajuda a refletir sobre o comprometimento da sobrevivência da espécie caso o homem não desenvolva a alteridade, a compaixão e a solidariedade. O **estado de natureza** ajuda a levantar as características essenciais humanas e necessárias à vida coletiva, colaborativa e criativa.

Vale ressaltar, no entanto, que para Rousseau (1973) o estado de natureza não existe e nunca existirá, inclusive, ele duvida que tenha um dia existido. A natureza, na perspectiva roussoniana, é concebida como “natureza viva”, idéia de potencialidade, de necessidade, estado que preserva a vida, o sentimento de piedade, benevolência humana...

De acordo com Genildo Silva (2004), o estado de natureza, em Rousseau, é um pressuposto metafórico, uma construção hipotética cuja finalidade é refletir filosoficamente acerca da condição de degeneração e corrupção do homem na sociedade.

Nas próprias palavras de Rousseau,

Mas considerai primeiro que, querendo formar o homem da natureza, não se trata por isso de fazer dele um selvagem e de relegá-lo ao fundo dos bosques, mas, envolvido no turbilhão social, basta que ele não se deixe arrastar nem pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; veja ele pelos seus olhos, sinta pelo seu coração; não o governe nenhuma autoridade, exceto a de sua própria razão (ROUSSEAU, 1999, p. 339).

Não se pretende que os seres humanos vivam como os animais. O retorno à natureza é no sentido de refletir sobre as características do homem natural e escutar a voz de seu coração, seus sentimentos mais profundos que brotam do amor primordial.

Os atos da consciência não são juízos, mas sentimentos. Embora todas as nossas idéias nos venham de fora, os sentimentos que as apreciam estão dentro de nós e é só por eles que conhecemos a conveniência ou inconveniência que existe entre nós e as coisas que devemos respeitar ou evitar. (ROUSSEAU, 1999, p.391-392 – grifo meu)

Está claro, portanto, que Rousseau não propõe uma saída do estado civil, mesmo porque ele considera esta uma proposta absurda e sem sentido. Esses movimentos ecológicos, por exemplo, de saída da cidade para viver em florestas e matas, isolados, não têm relação alguma com o seu pensamento.

Rousseau (1999) considera que é importante aprender, primeiramente, a viver consigo mesmo, provendo seu próprio sustento e sabendo lidar com os semelhantes. Para isso, é preciso conhecer os instrumentos que permitem influir sobre eles, assim como é preciso calcular a ação e a reação do interesse particular na sociedade civil e prever os acontecimentos com uma exatidão tal que, raramente, nos enganemos em nossos empreendimentos ou tenhamos usado dos melhores meios para sermos bem-sucedidos.

AMOR-DE-SI E AMOR-PRÓPRIO, OU DAS PAIXÕES

Rousseau (1999) estabelece como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza sejam sempre direitos, afirma não haver perversidade original no coração humano, que, nele, não se encontra um só vício de que não possamos dizer como e por onde entrou.

De acordo com a sua concepção, a única paixão natural ao homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio tomado em sentido amplo. Este amor-próprio, em si ou relativamente a nós, é bom e útil, e, como não tem relação necessária com outrem, é a esse respeito naturalmente indiferente. “Só se torna bom ou mau pela aplicação que se faz dele e pelas relações que se dão a ele. Até que o guia do amor-próprio, que é a razão, possa nascer” (ROUSSEAU, 1999, p. 90).

Enquanto o homem viver, segundo Rousseau, a fonte de suas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com e nunca o abandona, é o amor de si. Ele acredita que é uma paixão primitiva, inata, anterior a todas as outras e de que todas as outras não passam, em certo sentido, de modificações.

A fonte é natural, é verdade, mas mil riachos estranhos somaram suas águas à dela; é um grande rio que se engrossa sem parar e no qual com dificuldade encontraríamos algumas gotas de suas águas. Nossas paixões naturais são muito limitadas, são os instrumentos de nossa liberdade, tendem a nos conservar. Todas as paixões que nos subjagam e nos destroem vêm-nos de outra parte; a natureza não no-las dá, apropriamo-nos delas à sua revelia. (ROUSSEAU, 1999, p. 273)

Neste sentido, todas, se quisermos, são naturais. Porém, conforme sua compreensão, a maior parte dessas modificações tem causas estranhas, sem as quais elas jamais ocorreriam. No seu modo de ver, essas modificações, longe de serem vantajosas, são nocivas e vão contra seu princípio. É então, de acordo com o pensamento de Rousseau (1999), que o homem vê-se fora da

natureza e põe-se em contradição consigo mesmo. Este filósofo da educação acredita que o amor de si é sempre bom e sempre está em conformidade com a ordem.

Para ele, o amor de si se contenta quando as nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, porém o amor-próprio, que a tudo se compara, nunca está contente e nem poderia estar, pois, na percepção de Rousseau,

esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exige que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível. Eis como as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor-próprio. Assim, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros; o que o torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião. A partir desse princípio, é fácil ver como podemos dirigir para o bem ou para o mal todas as paixões das crianças e dos homens. (ROUSSEAU, 1999, p.275)

O escritor genebrino recomenda que se ampliem essas idéias para se observar de onde vem o nosso amor-próprio, a forma que acreditamos ser-lhe natural e como o amor de si, deixando de ser um sentimento absoluto, torna-se orgulhoso nas grandes almas, vaidade nas pequenas, e em todas elas alimenta-se sem parar à custa do próximo. Rousseau (1999) acredita que se olharmos apenas para nós mesmos, o primeiro olhar que lançarmos aos nossos semelhantes leva-nos a comparar-nos a eles, e o primeiro sentimento que nos excitará esta comparação é desejar o primeiro lugar. Para ele, eis aí o ponto em que o amor de si transforma-se em amor-próprio e onde começam a nascer todas as paixões que dele dependem.

Ele afirma que, tão logo o amor-próprio se desenvolve, o *eu relativo* entra em jogo constantemente e nunca o indivíduo observa os outros sem se voltar para si mesmo e comparar-se com eles. Trata-se, pois, na sua perspectiva, de saber em que posição junto a seus semelhantes ele se colocará depois de tê-los examinado. Rousseau ressalta, ainda, que o amor-próprio é um instrumento útil, mas perigoso. Não raro, acrescenta ele, fere a mão que dele se serve e raramente faz o bem sem mal.

Considerando sua posição em meio à espécie humana e vendo-se tão bem situado, Emílio [...] Dirá a si mesmo: Sou sábio e os homens são loucos. Ao ter pena deles, desprezará-os, ao se felicitar, estimar-se-á ainda mais, e, sentindo-se mais feliz do que eles, acreditará ser mais digno da felicidade. Esse é o erro que mais devemos temer, porque é o mais difícil de se destruir. (ROUSSEAU, 1999, p. 323-324)

Por outro lado, cabe ressaltar que, embora a comparação não seja benéfica ao amor de si, é preciso fazer com que se distinga as idéias adquiridas e os sentimentos naturais, pois, para Rousseau (1999), “sentimos antes de conhecer”, e, como não aprendemos a querer o nosso bem e a evitar

nosso mal, mas recebemos essa vontade da natureza, também o amor do bom e o ódio ao mau são-nos tão naturais quanto o amor de nós mesmos.

Estendamos o amor-próprio aos outros seres; transformá-los em virtude, e não existe coração de homem em que essa virtude não tenha raiz. Quanto menos o objeto de nossas atenções depender imediatamente de nós mesmos, menos a ilusão do interesse particular deverá ser temida; quanto mais generalizarmos esse interesse, mais ele se tornará eqüitativo, e o amor ao gênero humano em nós será o amor à justiça. (ROUSSEAU, 1999, p. 336)

Rousseau compreende que, seja qual for a causa de nosso ser, ela proveu à nossa conservação dando-nos sentimentos convenientes à nossa natureza, e não se poderia negar que pelo menos aqueles sejam inatos. Esses sentimentos, quanto ao indivíduo, são o amor de si, o temor da dor, o horror à morte e o desejo de bem-estar. Mas se, como não podemos duvidar, o homem é sociável por natureza, ou pelo menos é feito para tornar-se tal, só pode sê-lo através de outros sentimentos inatos, relativos à sua espécie, pois, considerando apenas a necessidade física, ele deve certamente dispersar os homens, em vez de os aproximar.

Este pensador considera que é muito estranho que, desde que se começaram a educar crianças, não se tenha imaginado outro instrumento para guiá-las que não a rivalidade, os ciúmes, a inveja, a vaidade, a avidez, o temor vil, todas as paixões mais perigosas, mais próprias para fermentar e corromper a alma ainda antes que o corpo esteja formado. Ele acredita que, a cada ensinamento precoce que queremos inculcar em suas cabeças, plantamos um vício no fundo de seus corações. Rousseau (1999) pontua que professores insensatos acreditam fazer maravilhas tornando-as más para lhes ensinar o que é a bondade, e depois afirmam contundentemente: 'assim é o homem'. No entanto, ele acredita que esse homem é resultado de um trabalho educativo em curso, tendo em vista que não existe homem dado pronto, mas em formação.

POR UMA PEDAGOGIA DO AMOR-DE-SI OU DO AUTOCONHECIMENTO

Devo, pois, voltar o olhar primeiro para mim, a fim de conhecer o instrumento de que me quero servir e saber até que ponto posso confiar em seu uso. (ROUSSEAU, 1999, p. 361)

Há uma condição para o aprendizado do autoconhecimento, sinaliza Jean-Jacques Rousseau: é preciso conhecer o coração humano, conhecer o homem como espécie humana e examinar a sua posição social. Com suas palavras:

Resta examinar se a posição social que deram a si mesmas é mais favorável à felicidade dos que a ocupam para saber que juízo cada um de nós deve formar sobre sua própria sorte. Eis o estudo que agora nos importa fazer; no entanto, para bem

realizá-lo, é preciso começar por bem conhecer o coração humano. (ROUSSEAU, 1999, p. 310)

Rousseau recomenda que não se deve procurar conhecer as coisas pela sua natureza, mas apenas pelas relações que se interessam. Avaliar, segundo ele, somente o que é estranho com relação a si mesmo, mas tal avaliação é exata e segura, porque o exercício será de não deixar a fantasia e a convenção interferirem na análise, dando mais atenção ao que é mais útil e necessário.

O filósofo salienta que, se foram os homens que escreveram todos os livros, eles não precisariam deles para conhecer seus deveres, questionando o seguinte: - Que meios tinha o homem de conhecê-los antes que esses livros fossem escritos? Ou aprenderá seus deveres por si mesmo, ou está dispensado de conhecê-lo.

Visto por este ângulo, sinto que Rousseau pode nos ajudar a pensar nos rumos da educação hoje. Olhando o tempo de hoje, o que seria necessário fazer para educar para o *amor-de-si*, para o autoconhecimento? As respostas encontradas devem estar imbuídas de possibilidades. Uma inspiração que nos joga para a ação. É preciso que a educação seja capaz de agir e lançar a pessoa para a experiência. O outro está presente para cuidar, proteger, mas não interditar. Por outro lado, não podemos generalizar, porque posso incutir valores e conteúdos morais que de nada servem para o aprendizado do ser livre, autônomo e senhor de si. É para a abertura e não para o enquadramento que se pretende essa reflexão.

Como é definido o ser humano, a partir de quais categorias e modos de ser? Quais as imagens de homem? Condição intuitiva: concebe o homem como amor de si, gênero literário, representação teatral, no fundo, desvela o homem em si mesmo. Rousseau favorece o estabelecimento de aproximações, estranhezas, diferenças...

O que o homem precisa para ser homem – mistério, abertura? Quando ele faz o passo de volta, ao buscar a origem, Rousseau concebe-a como metáfora para localizá-la. Ele está e permanece na perplexidade – no espanto. É preciso se espantar. Estamos perdendo essa força mobilizadora. Para ele, o humano é salto, é livre. Tudo está interligado, conectado, não existe uma causalidade primeira. Ele permanece no aberto. A partir do homem natural, como metáfora, ele mostra que houve um processo de perdas, alterações e distanciamentos do amor de si... o homem perdeu-se dele mesmo.

Define o ser humano não pelo homem pura e simplesmente, mas pela relação entre ele e a natureza. Por que Emílio faz todo aquele percurso? Nasce, chora, corre, brinca, se prepara para o encontro com o desabrochar das paixões, volta-se para Deus, prepara-se para o amor, prepara-se para ser cidadão...

Partindo de condições ideais, eis aqui o caminho do desenvolvimento humano: o homem pode se ver co-responsável e não vinculado aos jogos

egoícos, de inveja e de posse... ele critica os valores do ego, da elite, que afasta o homem dele mesmo... Concebido não como uma categoria fechada porque ele é um ser em potência, aberto.

A partir do romance, do romanceamento, do jogo literário, Rousseau (1999) traz uma grande questão: o autoconhecimento, o homem dar-se conta da sua disposição possível para a vida mesma. Como aplicar na pedagogia? Não tem como, mas podemos fazer ver que somos capazes de acompanhar e favorecer o desenvolvimento saudável dos seres humanos.

A forma da obra escrita, o pensar as questões que ele aponta, o diálogo direto é um modo de ser ressonante. O que ressoa é o muito antigo... a visão do poeta que canta o presente e o futuro... e um tempo interligado. O início e o fim e o fim e o início.

Para encerrar esse item, afirmo que, talvez, uma pedagogia para o autoconhecimento suponha uma idéia de formação de um homem individualista. No entanto, vale destacar que Rousseau tem uma preocupação coletiva, como gênero: Quem é o homem? *Quem sou eu* não como *eu-indivíduo*, mas *eu-coletivo*, como espécie. Na primeira parte do livro *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Rousseau apresenta as características do homem no estado da natureza e, na segunda, evidencia como o homem se degenerou.

Sua primeira preocupação é conhecer o homem: o conhecimento como homem e como gênero. É do homem que ele deve falar, afirma Rousseau, um homem que ama o que lhe preteje; que sente; que percebe; que ama a si mesmo. Um homem que conhece a si mesmo: um filósofo. Assim sendo, reconhecendo essas estações de maturação, o amor-de-si não pode ser apenas instinto de sobrevivência e o autoconhecimento não pode ser um processo individualista, mas a possibilidade de uma efetiva formação ético-solidária cujo fim é a garantia da liberdade, da criação e da felicidade.

À GUIA DE CONCLUSÕES

Embora, aparentemente, esteja tudo 'certinho', algumas questões precisam ser equacionadas para se pensar numa proposta educacional voltada para o desenvolvimento do autoconhecimento: é possível educar sem conduzir? O que é conduzir? Isso é possível? Educar é conduzir? O que é mesmo educar? Para, posteriormente, nos debruçarmos no por que, para que educamos. As respostas, por outro lado, não podem gerar receitas a serem copiadas e aplicadas em massa, mas pistas, indícios que possibilitem uma apropriação e uma recriação dos caminhos pelos sujeitos envolvidos.

Precisa ser uma disposição interna daqueles que estão entrelaçados ou que irão se envolver. Jamais uma imposição externa, por decreto. Assim, torna-se mascaramento da realidade. Não serve. Não presta para o propósito que se busca: seres humanos livres, autônomos, criativos, solidários, éticos.

Nesse processo, o professor é fundamental, acredito. Não tenho dúvidas sobre esse aspecto. Será? Ele é o responsável pelo processo de condução? Se for alguém que, em tese, estiver mais preparado do ponto de vista da qualidade espiritual-cultural para possibilitar esse encontro do outro com ele mesmo, ele também será importante nessa trajetória.

Uma outra questão é: como formar esse professor com as condições objetivas que a sociedade oferece para tal? É preciso que o professor possa ir ao cinema, ao teatro, tenha acesso farto a livros, tenha encontros sobre os mais variados temas, possa desenvolver pesquisas, que ele possa viajar muito... É preciso cuidar do professor para cuidar das novas gerações.

Refletindo sobre essas questões, tentei, ao longo desse trabalho, perceber qual a concepção de educação e de desenvolvimento humano posta na obra roussouniana, buscando a sua ontologia. Qual a sua concepção de homem? Qual a sua grande questão no âmbito educacional?

Conhecendo os homens e o estado atual do seu desenvolvimento, continuo a me questionar, como a educação pode contribuir para uma formação de seres humanos livres que, imbuídos de princípios éticos, inverta a favor da vida o quadro de corrupção e degeneração em curso.

Penso que alguns conceitos de Jean-Jacques Rousseau podem contribuir para pensar o projeto educacional do século XXI. Embora tal procedimento seja considerado muito perigoso por alguns de seus especialistas, acredito que, para levantar as contribuições da filosofia educacional de Rousseau, faz-se necessário um exercício de pensamento criativo e livre de conceitos que, aparentemente, não têm conotação fora da discussão política, a exemplo, dos conceitos: legislador, governo, soberano e vontade geral, que foram anteriormente tratados neste texto. Corri riscos.

É um pouco perigoso articular o autoconhecimento com o pensamento de Jean-Jacques Rousseau? Ao acompanhar pessoalmente de um indivíduo sozinho (Emílio), Rousseau evidenciou que o processo, embora coletivo, é sempre individual, uma saga do indivíduo com ele mesmo? Não respon

Mais uma vez, corri o risco. Para alguns, como já afirmei anteriormente, o autoconhecimento pressupõe um certo individualismo e Rousseau teria combatido essa perspectiva. Ele pregou o homem como ente coletivo. Refletindo sobre essa temática, para mim, é uma abstração pensar com o homem coletivo desvinculado de um indivíduo social, historicamente situado. De qualquer modo, nestas mal traçadas linhas, penso ter contribuído com a possibilidade de construção de uma proposta educacional a serviço da vida a partir da filosofia educacional de Rousseau.

REFERÊNCIAS

CASSIRER, E. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. Prefácio e Posfácio de Peter Gay. Tradução Erlon José Paschoal, Jézio Gutierre; revisão de tradução Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Unesp, 1999.

DENT, N. J. H. **Dicionário de Rousseau**. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. (Dicionários de filósofos)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução, introdução e notas de Fernando Guerreiro. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1981.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios de um caminhante solitário**. Tradução, introdução e notas de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília, UNB, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 207-326. (Coleção Os Pensadores XXIV)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social ou princípios do direito político**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973a, p. 21-151. (Coleção Os Pensadores XXIV)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973b, p. 329-425. (Coleção Os Pensadores XXIV)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. / Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Paidéia)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia, ou A nova Heloísa**. Campinas: Unicamp, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

SILVA, Genildo Ferreira da. **Rousseau e a fundamentação da moral: entre a razão e religião**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2004, 255p. (Tese de doutorado)